

VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA NA VISÃO DE ENFERMEIROS

Vanessa Cristina Braun¹
Bruna Knob Pinto²

RESUMO

Objetivo: Identificar, na literatura científica, a percepção dos enfermeiros frente a situações da violência obstétrica. **Metodologia:** Revisão integrativa realizada nas bases de dados LILACS, SciELO e PubMed, utilizando os descritores controlados “Violência Obstétrica” e “Enfermagem”, em suas versões em português, espanhol e inglês, previamente pesquisadas no DECS e no MeSH. **Resultados:** Foram selecionados 09 artigos para comporem esta revisão, com amplitude temporal de 2019 a 2024, sendo 08 em língua portuguesa e 01 em língua espanhola. **Discussão:** As percepções de enfermeiros obstétricos sobre a violência obstétrica, apontam desde a violência verbal e física, como também o desrespeito à autonomia da mulher, as intervenções desnecessárias, além de reconhecerem também as repercussões na mulher. Foi identificado que a ocorrência da violência obstétrica ainda é amplamente praticada. Percebeu-se que profissionais da enfermagem possuem conhecimentos fragilizado acerca da temática. **Considerações Finais:** A formação dos enfermeiros na temática da violência obstétrica deve ser mais ampla, pois eles são coadjuvantes dessas experiências, e nelas desempenham importante papel ao oferecer a qualidade de atendimento de saúde que as mulheres necessitam e merecem enquanto cidadãs de direito. É fundamental a implementação de políticas e protocolos claros para prevenir ocorrências de violência obstétrica no cotidiano de trabalho das equipes de saúde.

Palavras-chave: Violência Obstétrica, Pré-natal, Enfermagem.

INTRODUÇÃO

A violência obstétrica (VO) é um termo utilizado para descrever ações ou omissões que prejudicam a experiência da mulher durante a gestação, o parto, o pós-parto ou aborto, com implicações negativas para sua saúde física e emocional. Essa forma de violência pode ocorrer nos diferentes contextos de atendimento obstétrico, tanto em serviços públicos como privados. As ações podem variar dentre abusos verbais, restringir a presença de acompanhante, procedimentos médicos não consentidos, violação de privacidade, recusa de administrar analgésico, violência física, psicológica e falta de informações verídicas entre outras (LANSKY *et al.*, 2018).

A VO tem sido reconhecida como uma violação dos direitos humanos das mulheres e como uma forma de discriminação de gênero, afetando sua autoestima, confiança e autonomia. Ações como essas podem variar de expressões ofensivas e desrespeitosas por parte da equipe multidisciplinar de saúde, por meio de falta de informações e consentimento informado pela gestante, realização de procedimentos invasivos e dolorosos e intervenções excessivas e

¹ Acadêmica do 10º semestre do Curso de Bacharelado em Enfermagem das Faculdades Integradas Machado de Assis. Santa Rosa/RS. E-mail: vanessabraun999@gmail.com

² Enfermeira. Doutora em Ciências e docente do Curso de Bacharelado em Enfermagem das Faculdades Integradas Machado de Assis. Santa Rosa/RS. E-mail: brunaknob@fema.com.br

desnecessárias. (NASCIMENTO *et al.*, 2022). De acordo com as recomendações da Organização Mundial da Saúde (OMS), a atenção à mulher deve promover autonomia, respeito aos direitos, apoio com empatia, estímulo ao emprego de métodos não invasivos e não farmacológico para o alívio da dor, liberdade de posição, atitudes baseadas nas evidências científicas e permanente atualização profissional (ALMEIDA; ANDRADE; COELHO, 2020).

Quando um enfermeiro identifica um caso de violência obstétrica, é importante agir de maneira sensível, respeitosa e eficaz para proteger a mulher e garantir que ela receba o atendimento adequado. Deve-se priorizar o bem-estar físico e emocional da mulher, abordar situações para manter a calma, usando uma linguagem compassiva e empática. Nesse sentido, se a situação envolver outros profissionais de saúde, conversar de forma respeitosa e profissional com os mesmos, sobre a preocupação e os detalhes que foram identificados e encaminhar, se necessário, para um psicólogo ou assistente social (DINIZ, 2010).

O conhecimento dos enfermeiros sobre a violência obstétrica é essencial para garantir a prestação de cuidados respeitosos, seguros e centrados na mulher. Ao desempenhar um papel ativo na prevenção e na conscientização sobre esse problema, os enfermeiros contribuem significativamente para melhorar a experiência das mulheres durante a gravidez e o parto, além de promover a saúde materna e neonatal de forma mais abrangente. Nesse contexto, acredita-se que estudos sobre a violência obstétrica podem levar a uma melhoria geral na qualidade da assistência obstétrica, isto porque quando os profissionais de saúde estão cientes dos riscos e impactos da violência obstétrica, estão mais propensos a adotar práticas centradas na mulher, baseadas em evidências respeitadas.

Diante do exposto, formulou-se a seguinte questão de pesquisa: **Qual a percepção dos enfermeiros frente a situações de violência obstétrica?**

OBJETIVO

Identificar, na literatura científica, a percepção dos enfermeiros frente a situações de violência obstétrica.

METODOLOGIA

Diante do objetivo proposto, optou-se por realizar uma revisão integrativa, buscando identificar a produção científica relacionada a percepção dos enfermeiros frente a situações de violência obstétrica. Esse método tem como objetivo “reunir e sintetizar resultados de pesquisas

sobre um delimitado tema ou questão, de maneira sistemática e ordenada, contribuindo para o aprofundamento do conhecimento do tema investigado” (MENDES; SILVEIRA; GALVÃO, 2008).

O primeiro passo consistiu em delimitar uma questão de pesquisa que apresentasse relevância para a comunidade científica e que definisse o assunto a ser estudado de modo claro e específico. Neste contexto, formulou-se a seguinte questão: “Qual a percepção dos enfermeiros frente a situações de violência obstétrica” Para o levantamento dos artigos na literatura, realizou-se uma busca nas seguintes bases de dados: Biblioteca Virtual em Saúde BVS, *U.S. National Library of Medicine National Institutes of Health (PubMed)* e *Scientific Electronic Library Online (SciELO)*.

Os descritores delimitados para a busca foram “Violência Obstétrica” e “Enfermagem” com suas variações nas línguas portuguesa e inglesa, pesquisados nos dicionários DeCS (Descritores em Ciências da Saúde) e *MeSH (Medical Subjects Headings)*, juntamente com o operador booleano AND. Além disso, foram definidos critérios de inclusão e exclusão dos estudos, considerando-se que a pré análise os terá como base.

Os critérios utilizados para inclusão foram artigos publicados em qualquer língua, apresentação de resumo para leitura e não se tratar de artigo de revisão. Ainda, se utilizou limite temporal dos últimos 5 anos de 2019-2024. O próximo passo consistiu na análise dos estudos, que foram avaliados, buscando explicações para os diferentes resultados encontrados. Para esta revisão, optou-se por sistematizar os resultados na forma da construção de um quadro descritivo, constando os itens: Base de dados, primeiro autor, periódico e ano de publicação, país e tipo de pesquisa. Tal organização permitiu uma melhor visualização e organização dos dados obtidos sendo estes fundamentados com avaliação crítica dos estudos, o que possibilitou a sistematização e organização dos dados encontrados, conforme apresentado a seguir.

RESULTADOS

Foram encontrados 140 artigos na base de dados PubMed, 63 artigos na base de dados da BVS e 08 artigos na SCIELO, totalizando 211 artigos. Destes, 153 foram excluídos por não se adequarem a temática proposta e 48 por se tratarem de revisão de literatura. Duplicados 22. Assim, foram selecionados 09 artigos para análise conforme apresentado no Quadro 1.

Quadro 1– Caracterização dos artigos selecionados.

Base de dados	Primeiro autor	Periódico	Ano	País (sigla)	Tipo de pesquisa
BVS	Flávia Lima Miranda	HU Revista	2019	BR	Qualitativa
BVS	Samara Teles de Alexandria	Revista Cultura de los Cuidados	2019	BR	Qualitativa
BVS	Mariana Isidoro da Silva	Revista Nursing	2020	BR	Qualitativa
BVS	Maria Cláudia Medeiros Dantas de Rubim Costa	Revista Online de Pesquisa Cuidado é Fundamental	2021	BR	Qualitativa
BVS	David Ederson Moreira do Nascimento	Revista Nursing	2022	BR	Qualitativa
BVS	Michelle Araújo Moreira	Enfermería: Cuidados Humanizados	2023	BR	Qualitativa Descritiva
BVS	Fabiana Ramos de Menezes	Interface Comunicação, saúde e educação	2020	BR	Qualitativa
SciELO	Thalita Monteiro da Silva	Acta Paulista de Enfermagem	2020	BR	Qualitativa
SciELO	Diego Pereira Rodriguez	Revista Cubana de Enfermería.	2023	BR	Qualitativa

Fonte: Autoras, 2024.

Conforme demonstrado no Quadro 1, os estudos encontrados tiveram uma amplitude temporal de 2019 a 2022. Quanto à língua de origem, 08 artigos eram na língua portuguesa (MIRANDA *et al.*, 2019; ALEXANDRIA *et al.*, 2019; SILVA *et al.*, 2020; MENEZES *et al.*, 2020; COSTA *et al.*, 2021; NASCIMENTO *et al.*, 2022; MOREIRA *et al.*, 2023; SILVA, AGUIAR; 2020), 01 na língua espanhola (RODRIGUEZ *et al.*, 2023). Referente ao país em que as pesquisas foram desenvolvidas, todas ocorreram no Brasil (MIRANDA *et al.*, 2019; ALEXANDRIA *et al.*, 2019; SILVA *et al.*, 2020; MENEZES *et al.*, 2020; COSTA *et al.*, 2021; NASCIMENTO *et al.*, 2022; MOREIRA *et al.*, 2023; SILVA, AGUIAR; 2020; RODRIGUEZ *et al.*, 2023). Quanto a região 02 foi desenvolvida em Belo Horizonte- Minas Gerais

(MIRANDA *et al.*, 2019; MENEZES *et al.*, 2020), 02 em Juazeiro do Norte-Ceará (ALEXANDRIA *et al.*, 2019; NASCIMENTO *et al.*, 2022), 01 em Rio Grande do Norte- Natal (COSTA *et al.*, 2021), 01 em Ilhéus- BAHIA (MOREIRA *et al.*, 2023), 01 em Teresina- Piauí (SILVA *et al.*, 2020), 01 no Rio de Janeiro (RODRIGUEZ *et al.*, 2023), 01 no Distrito Federal (SILVA, AGUIAR; 2020).

Caracterizando os estudos com relação à base de dados, pode-se observar que dois (RODRIGUEZ *et al.*, 2023; SILVA *et al.*, 2020) estudos foram selecionados na base de dados Scielo, oito (MIRANDA *et al.*, 2019; ALEXANDRIA *et al.*, 2019; MENEZES *et al.*, 2020; COSTA *et al.*, 2021; NASCIMENTO *et al.*, 2022; MOREIRA *et al.*, 2023; SILVA, AGUIAR; 2020) estudos foram selecionados da base de dados BVS. Quanto à metodologia todos são qualitativos (MIRANDA *et al.*, 2019; ALEXANDRIA *et al.*, 2019; SILVA *et al.*, 2020; MENEZES *et al.*, 2020; COSTA *et al.*, 2021; NASCIMENTO *et al.*, 2022; MOREIRA *et al.*, 2023; SILVA, AGUIAR; 2020; RODRIGUEZ *et al.*, 2023).

DISCUSSÃO

O estudo realizado por Silva, Aguiar, (2020) aponta uma compreensão superficial dos enfermeiros acerca da violência obstétrica e das práticas consideradas violência, incluindo diálogos equivocados na definição da temática além de discursos pertinentes a situações de violência contra mulher em um contexto geral. Nesse contexto, em Rodriguez *et al.*, (2023) os discursos dos enfermeiros discordam e se distanciam das evidências científicas a respeito da VO. Assim, alguns não reconhecem a importância do tema, o que constitui uma contradição para formação e educação continuada na área.

Para os enfermeiros do estudo de Miranda *et al* (2019) o conceito de VO demonstrou perspectivas diversas. Foram relatadas definições de violência obstétrica que apontam desde a violência física e verbal, como também o desrespeito à autonomia da mulher, as intervenções desnecessárias. Apesar disso, os autores consideraram estas percepções como limitadas por não caracterizarem os diversos conceitos de violência ou apresentarem uma noção restrita de violência. Ainda, pode-se identificar que diversas técnicas e manobras são realizadas durante a assistência as mulheres, as quais são consideradas VO, e que há amplo conhecimento dos profissionais acerca da violência na atenção obstétrica, ato este praticado contra parturientes na maternidade, seja no período pré-parto, parto e pós-parto (ALEXANDRIA *et al.*, 2019).

O contexto de violência obstétrica que ocorre em maternidades muitas vezes caracteriza práticas cotidianas dos profissionais e/ou serviços, que não são reconhecidas como uma forma

de violência ou se sustentam por práticas que, se analisadas cuidadosamente, podem ser questionadas. Percebe-se que as enfermeiras obstétricas reconhecem a existência da violência obstétrica na sua prática e na de outros profissionais, e suas repercussões na mulher (MIRANDA *et al.*, 2019).

A violência obstétrica acontece em situações de abuso de poder, falta de respeito, coerção, discriminação ou negligência nos cuidados obstétricos, independentemente da posição hierárquica do profissional de saúde envolvido. É de grande valia destacar que a hierarquia não justifica práticas de violência obstétrica. Todos os profissionais de saúde devem seguir princípios éticos e diretrizes médicas que respeitem os direitos e a dignidade das pacientes (RODRIGUEZ *et al.*, 2023)

A violência verbal, identificada como uma VO, caracteriza-se por palavras prejudiciais que possuem a intenção de ridicularizar, humilhar, manipular e/ou ameaçar. Tal como ocorre com outros tipos de violência, esse tipo de agressão afeta significativamente a vítima, causando-lhe danos psicológicos irreparáveis. O desrespeito à autonomia refere-se não somente em não dar à mulher a possibilidade de participar ativamente das decisões sobre seu processo de gestação e parto, como também a falta de humanização da assistência prestada pela equipe (MIRANDA *et al.*, 2019).

Nesse contexto, grande parte dos participantes do estudo de Nascimento *et al* (2022) referiram já terem vivenciado algum tipo de VO, o que inclui desrespeito à autonomia da mulher, realização de procedimentos médicos sem o consentimento da mesma ou sem explicar adequadamente os procedimentos e suas consequências. Ainda, foram relatadas situações relacionadas à comportamento rude, degradante ou humilhante por parte dos profissionais de saúde durante o parto ou pós-parto, o uso de linguagem intimidadora, depreciativa ou ameaçadora durante o atendimento obstétrico, pressão para que a mulher aceite procedimentos médicos ou intervenções que ela não deseja ou sobre as quais não foi adequadamente informada.

Situações semelhantes foram identificadas em Miranda *et al.*, (2019) e Alexandria *et al.* (2019), explicitadas por intervenções desnecessárias que desrespeitam a autonomia da parturiente, além de violências físicas e verbais, sendo esta última a principal manifestação de VO, com importante potencial danoso ao estabelecimento de comunicação com a paciente, a partir da adoção de palavras constrangedoras e citações irônicas não apropriadas para a prestação de um serviço de saúde.

Diversas ocasiões de VO foram relatadas como presentes na prática cotidiana dos enfermeiros do estudo de Menezes *et al.*, (2020). Casos envolvendo maus-tratos físicos,

psicológicos e verbais até procedimentos que incidem sobre o corpo da mulher e que poderiam causar sentimento de vulnerabilidade, inferioridade, abandono, instabilidade emocional, insegurança e medo foram referidos. Ainda, foram relatadas situações em que ocorreram a utilização de discursos ríspidos, tratamento impaciente, ameaças de abandonar a mulher sozinha durante a assistência por uma suposta não cooperação dela e comentários pejorativos, toques sem seu consentimento, negligência no manejo da dor, quebra de sigilo, invasão de privacidade e recusa em prestar assistência às mulheres durante o processo de parturição e em casos de abortamento (MENEZES *et al.*, 2020).

Além disso, há uma falta de preparo tanto profissional como institucional, em suas diversas variações como: sobrecarga de trabalho; estrutura física inadequada; número insuficiente de leitos, partos realizados em corredores sem analgesia, falta de equipamentos, materiais para assistência, pessoal capacitado e diretrizes assistenciais e organizacionais, dificuldades enfrentadas cotidianamente na instituição, influenciando diretamente nos aspectos de violência contra a mulher (MENEZES *et al.*, 2020).

Nessa perspectiva, acredita-se que o grande número de discursos que referem a existência de situações de VO possa estar relacionado ao cotidiano que tende a banaliza-la, entendendo essas condutas violentas como normais. Ainda, segundo Costa *et al.*, (2021), algumas fragilidades são vivenciadas em decorrência dos processos de gestão dos serviços.

Muitos profissionais potencializam seus preconceitos, crenças, estigmas e opiniões das mais diversas, durante as suas práticas, constituindo violência obstétrica e ocasionando prejuízos às mulheres. Neste sentido, é imprescindível trabalhar com as condições de vulnerabilidade das mulheres, sendo necessário desconstruir valores morais e religiosos por parte dos profissionais de saúde, permitindo que estas usuárias possam ser assistidas com respeito e humanização (MOREIRA *et al.*, 2023).

Cabe ressaltar que algumas intervenções consideradas VO podem salvar vidas quando adequadamente implementadas, garantindo o total cuidado, segundo os enfermeiros do estudo de Silva *et al.* (2020). Ainda, os enfermeiros do estudo salientam que o conceito deve ser avaliado conforme a situação de risco do momento e as intervenções necessárias para sobrevivência, tanto da mãe quanto do neonato.

Identificou-se também que barreiras pessoais e institucionais na qual membros da equipe de enfermagem se deparam podem impedir uma assistência qualificada. Tal fato evidencia a necessidade de um melhor investimento não somente na formação, mas também na qualificação permanente desses profissionais, bem como na reorganização dos serviços para que haja incorporação de protocolos assistenciais (SILVA, AGUIAR; 2020)

No entanto, é perceptível a deficiência acerca da temática, dificuldades em fazer abordagens de forma mais compreensível para as gestantes, o profissional acaba por englobar outros tipos de violência e acredita que esta influencie na vida da gestante e em como ela conduzirá a gestação. O conhecimento acerca da temática deve fazer parte do entendimento diário do enfermeiro, educação em saúde para abordar assuntos desconhecidos a essa população e, assim, informá-las quanto aos direitos que devem ser respeitados em qualquer momento no âmbito de seu atendimento (SILVA, AGUIAR; 2020).

Nesse sentido, o enfermeiro pode contribuir na formação de outros profissionais, colaborando assim para a incorporação de práticas baseadas em evidências científicas, que atendam as demandas e expectativas das mulheres atendidas, respeitando-a como ser humano e que compreendam as dimensões subjetivas de cada mulher. Ainda, para a melhoria da prática clínica, é necessária uma nova abordagem por parte dos profissionais, que estimule a participação ativa da mulher e seu acompanhante, que priorize a presença constante do profissional junto à parturiente (MIRANDA *et al.*, 2019).

Destarte, a atualização contínua sobre práticas de parto não só melhora a qualidade dos cuidados prestados, mas também desempenha um papel crucial na prevenção da violência obstétrica, uma vez que profissionais bem informados são essenciais para garantir que cada mulher receba um atendimento respeitoso, empático e baseado em evidências durante o processo de parto (SILVA *et al.*, 2020). Assim, o papel do enfermeiro em formação é fundamental no que se refere à violência obstétrica, uma vez que esse profissional tem a possibilidade de reduzir os índices desse agravo.

Nessa perspectiva, para Nascimento *et al* (2022) é de suma importância que os profissionais trabalhem a educação permanente em saúde para gestantes, uma vez que esta pode não apenas proteger seus direitos fundamentais, mas também promover um ambiente de cuidado mais seguro, respeitoso e empático, contribuindo para uma experiência de maternidade positiva e saudável. Assim, quando a mulher é orientada adequadamente, tem menos chance de sofrer violência obstétrica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados desse estudo revelam que a compreensão por parte dos enfermeiros acerca do contexto geral sobre violência obstétrica é frágil e, muitas vezes, superficial, apesar de reconhecerem os tipos de VO.

Percebe-se que os enfermeiros identificam a existência da violência obstétrica na sua prática e na de outros profissionais bem como suas repercussões no atendimento à mulher. Dentre os tipos de violência referidos, destaca-se a violência verbal e física, o desrespeito à autonomia da mulher, além das intervenções desnecessárias no processo de parturição.

Acredita-se que a formação, tanto acadêmica quanto continuada, dos enfermeiros frente a temática da violência obstétrica deva ser mais ampla, pois eles são coadjuvantes dessas experiências e nelas desempenham importante papel ao oferecer a qualidade de atendimento de saúde que as mulheres necessitam e merecem enquanto cidadãos de direito. Vale ressaltar que, quando a mulher é orientada adequadamente, tem menos chance de sofrer violência obstétrica. Assim, o papel do enfermeiro em formação é fundamental no que se refere à violência obstétrica, uma vez que esse profissional tem a possibilidade de reduzir os índices desse agravamento e mudar a realidade social.

Diante disso, fica evidente a necessidade urgente de uma intervenção mais sólida e efetiva por parte dos gestores e coordenadores dos serviços de saúde. É fundamental a implementação de políticas e protocolos claros para prevenir ocorrências de violência obstétrica no cotidiano de trabalho das equipes de saúde.

REFERÊNCIAS

ALEXANDRIA, ST. et al. La violencia obstétrica bajo la perspectiva de los profesionales de enfermería involucrados en la asistencia al parto. **Cultura de los cuidados: Revista de Enfermería y Humanidades**, n. 53, p. 119–128, 2019.

Disponível em: <https://doi.org/10.14198/cuid.2019.53.12>

ALMEIDA, FJAVB. et al. Violência obstétrica: a agressão silenciosa nas salas de parto. **Pretextos - Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas**, v. 5, n. 9, p. 719–740, 2020.

Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1514109>

COSTA, MCMD. DE R. et al. Vivenciando as desordens na prática do cuidado do enfermeiro obstetra: o olhar complexo ao fenômeno. **Rev. Pesqui. (Univ. Fed. Estado Rio J., Online)**, p. 490–496, 2021. Disponível em: <http://dx.doi.org/0.9789/2175-5361.rpcfo.v13.9245>

DINIZ, SG. Gênero, saúde materna e o paradoxo perinatal. *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano*, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 313-326, ago. 2010. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12822009000200012&lng=pt&nrm=iso.

LANSKY, S. et al. Violência obstétrica: influência da Exposição Sentidos do Nascer na vivência das gestantes. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 24, n. 8, p. 2811–2824, ago. 2019.

Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232018248.30102017>

MENDES, KDS.; SILVEIRA, RCCP.; GALVÃO, CM. Revisão integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. **Texto e contexto enfermagem**. v. 17, n. 4, 2008.

Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/tce/a/XzFkq6tjWs4wHNqNjKJLkXQ/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 22 jul. 2024

MENEZES, FR. DE et al. O olhar de residentes em Enfermagem Obstétrica para o contexto da violência obstétrica nas instituições. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, v. 24, 2020.

Disponível em: <https://doi.org/10.1590/Interface.180664>

MIRANDA, FL. et al. Violência obstétrica: percepções de enfermeiros obstétricos em uma maternidade de Minas Gerais. **HU rev**, p. 415–420, 2019.

Disponível em: <https://orcid.org/0000-0002-2163-3048>

MOREIRA, MA. et al. Violência obstétrica no processo do abortamento. **Enfermeria (Montev.)**, 2023.

Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1514109>

MOURA, R. C. DE M. et al. Cuidados de enfermagem na prevenção da violência obstétrica. **Enferm. foco (Brasília)**, p. 60–65, 2018.

Disponível em: <http://revista.cofen.gov.br/index.php/enfermagem/article/view/1333>

NASCIMENTO, D. E. et al. Vivências sobre violência obstétrica: Boas práticas de enfermagem na assistência ao parto. **Nursing (São Paulo)**, v. 25, n. 291, p. 8242–8253, 5 ago. 2022.

Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1391859>

RODRÍGUEZ, DP et al. Los significados de la violencia obstétrica en el proceso de parto y nacimiento. **Revista Cubana de Enfermería**, v. 39, n. 1, 2023.

Disponível em: <https://revenfermeria.sld.cu/index.php/enf/article/view/5532>

SILVA, MI. DA; AGUIAR, RS. Conhecimento de enfermeiros da atenção primária acerca da violência obstétrica. **Nursing (Ed. bras., Impr.)**, p. 5013–5024, 2020.

Disponível em: <https://doi.org/10.36489/nursing.2020v23i271p5013-5024>

SILVA, TM DA et al. Violência obstétrica: a abordagem da temática na formação de enfermeiros obstétricos. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 33, 26 out. 2020. Disponível em:

<http://dx.doi.org/10.37689/acta-ape/2020A001466>